

Assombramento – um conto fantástico brasileiro¹



André de Sena²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

Não existem muitos exemplos de contos fantásticos, em sentido todoroviano, na literatura brasileira. O presente artigo visa apresentar um raro exemplar de fantástico nacional plasmado no conto “Assombramento”, do livro *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos.

Palavras-chaves: Literatura brasileira, conto fantástico, Afonso Arinos, Tzvetan Todorov.

Abstract:

In Brazilian literature, there are not many fantastic short stories (in accord with Todorov’s approach to fantastic). This article aims to present a rare case of a Brazilian fantastic tale, “Assombramento”, which is included in Afonso Arinos’s book *Pelo Sertão* (1898).

Keywords: Brazilian literature, fantastic short stories, Afonso Arinos, Tzvetan Todorov.

Resumé:

Il n’y a pas, dans la littérature brésilienne, plusieurs exemples de récits fantastiques (le fantastique au sens todorovien). Cet article veut analyser un

1. Recebido em setembro de 2010. Aprovado em outubro de 2010.

2. Doutor (2010) em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

cas concret de fantastique brésilien, le conte “Assombramento”, du livre *Pelo Sertão* (1898) de l’écrivain Afonso Arinos.

Mots-clés: Littérature brésilienne, récits fantastiques, Afonso Arinos, Tzvetan Todorov.

No prefácio ao livro *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*, o escritor e crítico paraibano Bráulio Tavares faz uma constatação interessante, no momento em que discute a presença do fantástico na obra ficcional de autores brasileiros de ontem e hoje. Segundo o mesmo, “ainda estamos tentando domesticar o realismo, e cultivar o fantástico não é prioridade por enquanto. Nossa literatura, vista em conjunto, pretende enxergar o Brasil, imaginar o Brasil, extrair de nossas experiências contraditórias uma imagem plausível do Brasil” (Tavares 2003:18). Pode-se afirmar, então, a partir desse comentário, que a intenção de mimese prevaleceu ao longo da história de nossa literatura, da célebre *Carta* de Pero Vaz de Caminha até os romances mais recentes, inviabilizando na maior parte das vezes a presença do fantástico. Fora as raras exceções operadas por uma vertente mais onírica do Romantismo, por momentos chave do Simbolismo e pelas correntes surrealistas e experimentalistas, vemos que a mimese veio se amoldando às mais diversas e, por vezes, contraditórias ambientações literárias – classicistas, românticas, modernistas, etc. – e que o gênero ou modo fantástico só a muito custo se impôs.

É por isso que o conto “Assombramento”, do livro *Pelo Sertão* (1898), obra de estreia do autor mineiro Afonso Arinos (1868-1916), se destaca da produção do último decênio do período oitocentista marcado pela vitória do Realismo. Trata-se de um raro conto fantástico brasileiro ambientado nos “sertões”, que também poderia ser elencado no gênero horror. Embasome aqui na clássica teoria do crítico búlgaro Tzvetan Todorov, que define o fantástico como o instante final de ambiguidade não resolvida, situado entre os campos antitéticos do estranho e do maravilhoso:

O fantástico dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem [acerca de um fato aparentemente sobrenatural] depende ou não da 'realidade', tal qual existe na opinião comum. No fim da história, se o leitor, quando não a personagem, toma contudo uma decisão, opta por uma ou outra solução, sai desse modo do fantástico. Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. O fantástico leva pois uma vida cheia de perigos, e pode se desvanecer a qualquer instante (Todorov 2007:47-48).

Após delimitar meu conceito norteador de fantástico, discutamos agora, acompanhando o decurso da diegese, a construção deste interessante artefato narrativo que consegue sugerir ao leitor uma atmosfera de sombras típicas de um enredo gótico, mas ambientado nas solidões ensolaradas dos sertões brasileiros, como já se evidencia desde o parágrafo inicial:

À beira do caminho das tropas, num tabuleiro grande, onde cresciam a canela-d'ema e o pau-santo, havia uma tapera. A velha casa assombrada, com grande escadaria de pedra levando ao alpendre, não parecia desamparada. O viandante a avistava de longe, com a capela ao lado e a cruz de pedra lavrada, enegrecida, de braços abertos, em prece contrita para o céu. Naquele escampado onde não ria ao sol o verde escuro das matas, a cor embaçada da casa suavizava ainda mais o verde esmaiado dos campos. E quem não fosse vaqueano naqueles sítios iria, sem dúvida, estacar diante da grande porteira escancarada, inquirindo qual o motivo por que a gente da fazenda era tão esquiva que nem ao menos aparecia à janela quando a cabeçada da madrinha da tropa, carrilhonando à frente dos lotes, guiava os cargueiros pelo caminho a fora.

Entestando com a estrada, o largo rancho de telha, com grandes esteios de aroeira e mourões cheios de argolas de ferro, abria-se ainda distante da casa, convidando o viandante a abrigar-se nele. No chão havia ainda uma trempe de pedra com vestígios de fogo e, daqui e dacolá, no terreno acamado e liso, esponjadouros de animais vagabundos.³

Vê-se que a descrição realista dos aspectos da paisagem já abre margem para o vocábulo “assombrada”, associada à velha casa de engenho. O realismo é amplificado pela exatidão com que o narrador descreve todos os pormenores da vida dos vaqueiros, seus costumes, materiais de trabalho, expressões vocabulares típicas:

As sobrecargas e os arrochos, os buçais e a penca de ferraduras, espalhados aos montes; o surrão da ferramenta aberto e para fora o martelo, o puxavante e a bigorna; os embornais dependurados; as bruacas abertas e o trem de cozinha em cima de um couro; a fila de cangalhas de suadouro para o ar, à beira do rancho [...]. Então, o arrieiro percorreu a tropa, correndo o lombo dos animais para examinar as pisaduras; mandou atalhar à sovela algumas cangalhas, assistiu à raspagem da mulata e mandou, por fim, encostar a tropa acolá, fora da beira do capão onde costumam crescer as ervas venenosas.

Se, por um lado, “Assombramento” já evidencia algumas características que darão a tônica do chamado romance regionalista que surgirá algumas décadas mais tarde, na sequência da narração já se percebe o surgimento das ambiguidades típicas do fantástico:

Por que seria que os tropeiros, ainda em risco de forçarem as marchas e aguarem a tropa, não pousavam aí? Eles bem sabiam

3. Utilizo o conto “Assombramento” disponibilizado *online* pelo site da Universidade da Amazônia (Unama – Cf. bibliografia).

que, à noite, teriam de despertar, quando as almas perdidas, em penitência, cantassem com voz fanhosa a encomendação. Mas o cuiabano Manuel Alves, arrieiro atrevido, não estava por essas abusões e quis tirar a cisma da casa mal-assombrada.

Montado em sua mula queimada frontaberta, levando adestro seu macho crioulo por nome “Fidalgo” – dizia ele que tinha corrido todo este mundo, sem topar coisa alguma, em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressado de medo. Havia de dormir sozinho na tapera e ver até onde chegavam os receios do povo.

O parágrafo apresenta o protagonista do conto, o intrépido vaqueiro Manuel Alves, que, após ter desafiado os perigos do mundo, decide-se a pernoitar na velha casa de engenho, descoberta durante uma das trilhas do grupo de tropeiros do qual é chefe, e confrontar os perigos de um suposto além, no intuito de adquirir mais respeito de seu bando, ou “camaradagem”. Temos então um primeiro dilema: Manuel Alves realmente acredita na existência de fantasmas? E tal crença, abrindo a possibilidade real dessa mesma existência, comprometerá o fantástico, preterindo-o ao maravilhoso (com a admissão de novas leis para a natureza, segundo Todorov)? Por outro lado, se supormos que Manuel Alves *não crê* em fantasmas e decide-se a entrar na casa apenas para afrontar a opinião comum do “povo” supersticioso, teremos então uma possibilidade efetiva de plasmação do fantástico, que em expressivo número de casos surge das dúvidas e conflitos de um protagonista. A segunda hipótese – a de que Manuel Alves não crê em fantasmas, mesmo que também não os desacredite – é confirmada logo a seguir pelo narrador, numa conversa daquele com o ajudante Venâncio:

Manuel deu um muxoxo. Em seguida levantou-se de um surrão onde estivera assentado durante a conversa e chegou à beira do rancho, olhando para fora. Cantarolou umas trovas e, voltando-se de repente para o Venâncio, disse:

– Vou dormir na tapera. Sempre quero ver se a boca do povo fala verdade uma vez.

O bando, supersticiosamente, acampa fora da cerca que delimita o engenho, famoso na região como “assombrado”. Venâncio, ainda de dia, por ordem do patrão, entra na casa para montar a rede na qual Manuel Alves dormirá à noite, ao lado das feis “franqueira” e “garrucha”. O diálogo a seguir confirma novamente sua incredulidade, no momento em que Venâncio retorna da casa abandonada:

- Então? perguntou Manuel Alves ao seu malungo.
 - Nada, nada, nada! Aquilo por lá, nem sinal de gente!
 - Uai! É estúrdio!
 - E vossemecê pousa lá mesmo?
 - Querendo Deus, sozinho, com a franqueira e a garrucha, que nunca me atraíçaram.
 - Sua alma, sua palma, meu patrão. Mas... é o diabo!
 - Ora! Pelo buraco da fechadura não entra gente, estando bem fechadas as portas. O resto, se for gente viva, antes dela me jantar eu hei de fazer por almoçá-la. Venâncio, defunto não levanta da cova. Você há de saber amanhã.
 - Sua alma, sua palma, eu já disse, meu patrão; mas, olhe, eu já estou velho, tenho visto muita coisa e, com ajuda de Deus, tenho escapado de algumas. Agora, o que eu nunca quis foi saber de negócio com assombração. Isso de coisa do outro mundo p'r'aqui mais p'r'ali – terminou o Venâncio, sublinhando a última frase com um gesto de quem se benze.
- Manuel Alves riu-se e, sentando-se numa albarda estendida, catou uns gravetos do chão e começou a riscar a terra, fazendo cruzinhas, traçando arabescos...

Enfim, chega a noite e, com ela, o desejo de Manuel Alves de enveredar na velha casa-grande, sozinho, porque, na explicação que irá dar Venâncio a um dos camaradas, “assombração não aparece senão a uma pessoa só que mostre coragem”.

Já no interior do engenho, o chefe tropeiro faz uma fogueira no pátio central, toma um facho e sai a escarafunchar todos os seus recantos internos e externos. Aos poucos, as imagens desoladas de um *locus extraneu* mais do

que *horribilis* afloram da tessitura narrativa e parecem influenciar as atitudes e ações do protagonista, às vezes, de maneira inconsciente (a exploração física como metáfora do mergulho interior nos desvãos da mente). A casa passa por um processo de antropomorfização e sutilmente vai ao primeiro plano da narrativa, como nova personagem. Num determinado momento, Manuel força uma das janelas e a casa parece responder, em seu idioma de estranheza, à brutal investida:

Tentou abrir uma janela, que resistiu. O vento, fora, disparava, às vezes, reboando como uma vara de queixada em redemoinho no mato. Manuel fez vibrar as bandeiras da janela a choques repetidos. Resistindo elas, o arneiro recuou e, de braço direito estendido, deu-lhes um empurrão violento. A janela, num grito estardalhaçante, escancarou-se. Uma rajada rompeu por ela adentro, latindo qual matilha enfurecida; pela casa toda houve um tataral de portas, um ruído de reboco que cai das paredes altas e se esfarinha no chão. A chama do rolo apagou-se à lufada e o cuiabano ficou só, barbatando na treva.

Sem o lume, Manuel põe-se a vagar no escuro, com a faca entre os dentes. Começa, então, a profusão de elementos estranhos que parece atestar a presença do sobrenatural. Sons de um sino distante, ventos frios, ruídos de passos e correrias entre as telhas, silvos, assobios... Como atesta o narrador,

Manuel foi impelido para a frente à corrimaça daqueles mensageiros do negrume e do assombramento. De músculos crispados num começo de reação selvagem contra a alucinação que o invadia, o arneiro alapardava-se, eriçando-se-lhe os cabelos. Depois, seguia de manso, com o pescoço estendido e os olhos acesos, assim como um sabujo que negaceia.

Observemos que a “alucinação” que parece “invadir” Manuel não explica os estranhos fenômenos que hipoteticamente acontecem agora na casa. Ela é sugerida pelo narrador e não – fato importante – explicada como tal. Se o

contrário acontecesse, e estivéssemos aqui no fim da diegese, o conto enveredaria no estranho todoroviano (a explicação do sobrenatural a partir da alucinação, do sonho, da droga, etc.). Por outro lado, ainda não há pista alguma que nos leve a considerar “Assombramento” como pertencente ao gênero maravilhoso (pois a existência de fantasmas não se confirma plenamente); permanecemos, até o momento, na ambiguidade típica do fantástico. Há um único momento em que se descreve com mais detalhes uma possível aparição:

Súbito, uma luz indecisa, coada por alguma janela próxima, fê-lo vislumbrar um vulto branco, esguio, semelhante a uma grande serpente, coleando, sacudindo-se. O vento trazia vozes estranhas das socavas da terra, misturando-se com os lamentos do sino, mais acentuados agora.

Manuel estacou, com as fontes latejando, a goela constricta e a respiração curta. A boca semi-aberta deixou cair a faca: o fôlego, a modo de um sedento, penetrou-lhe na garganta seca, sarjando-a e o arneiro roncou como um barrão acuado pela cachorrada. Correu a mão pelo assoalho e agarrou a faca; meteu-a de novo entre os dentes, que rangeram no ferro; engatilhou a garrucha e apontou para o monstro; uma pancada seca do cão no aço do ouvido mostrou-lhe que sua arma fiel o traía. A escorva caíra pelo chão e a garrucha negou fogo. O arneiro arrojou contra o monstro a arma traidora e gaguejou em meia risada de louco:

– Mandingueiros do inferno! Botaram mandinga na minha arma de fiança! Tiveram medo dos dentes da minha garrucha! Mas vocês não de conhecer homem, sombras do demônio!

Mas trata-se aqui, ao fim e ao cabo, de simples sugestões visuais, amplificadas pelos temores de Manuel, que parece aceitar neste momento as credices contra as quais se sentia superior. As luzes coleantes poderiam ser reflexos das estrelas pelas fendas na casa citadas pelo narrador, misturadas à poeira; os sons estranhos, simples ecos dos morcegos ou aves de arribação antes referidos... Não se vislumbra, por exemplo, uma imagem humana que poderia atestar a presença fantasmática. Continuamos no âmbito da

sugestão e do fantástico, no sentido de que ainda não sabemos se os fatos narrados acontecem realmente na realidade diegética ou apenas na imaginação excitada do protagonista. Este, por sua vez, começa a acreditar, aos poucos, na existência de elementos malignos sobrenaturais, embora jamais desande em sua valentia, aproximando-se, assim, do maravilhoso. Mas, como lembra Todorov, o personagem – diferente do narrador – pode, por vezes, enganar o leitor ou até mesmo se enganar em sua compreensão do fato aparentemente sobrenatural. O fantástico também precisa se impor no processo da recepção; em outras palavras, o leitor, no momento em que discorda da interpretação do personagem e consegue se manter na hesitação e na dúvida, faz com que ele (o fantástico) continue se plasmando com sucesso.

Manuel investe contra o que supõe entidades malignas e esbarra nos móveis e cortinas, se digladiia com a própria rede, “esfaqueando sombras que fugiam”, imaginando ouvir “chascos de mofa” do diabo. A narração é profissional; o leitor acompanha o processo de desespero crescente que toma conta do protagonista, através de sugestões que conseguem se manter no terreno da ambiguidade (principalmente para o leitor). Leia-se, por exemplo, um trecho em que se descreve a luta de Manuel com “a treva”:

As sombras fugiam, esfloravam as paredes em ascensão rápida, iluminando-lhe subitamente o rosto, brincando-lhe um momento nos cabelos arrepiados ou dançando-lhe na frente. Era como uma chusma de meninos endemoniados a zombarem dele, puxando-o daqui, beliscando-o d’acolé, açulando-o como a um cão de rua.

Não se constata essa presença infernal de “meninos endemoniados”. O que persiste é apenas a escuridão e o puro horror que desperta, evocado e pintado com maestria. O embate com o invisível só cessa no momento em que Manuel se acidenta: o piso roído pelos cupins, de um dos aposentos, cede com seu peso e ele cai, desfalecendo.

No outro dia, os companheiros vão em busca de seu chefe e, após arrombarem a porta que estava lacrada por dentro, dão de cara com a rede de

Manuel Alves esfaçada a golpes de faca. Encontram-no aos estertores, num vau subterrâneo, sobre uma pilha de moedas antigas enterrada nos esconso de um porão secreto, posto a descoberto pelo acidente de Manuel, e vêm-lhes à mente histórias de botija repletas de assombrações. O conto é concluído com a imagem dos tropeiros ajoelhados, rezando pela alma de seu chefe que, antes desacordado, de súbito abre os olhos, crisa as mãos e diz uma última frase (antes de morrer, como sugere o texto), a mesma proferida durante o imaginário enfrentamento na casa: “– Eu mato!... mato!... ma...”. A última frase é também a confirmação de que não traiu sua coragem até o derradeiro momento e, dessa forma, chegamos ao final da diegese. Ao não propor nenhuma das duas soluções possíveis de explicação do sobrenatural segundo Todorov (do estranho e do maravilhoso), o conto “Assombramento” aparece como um dos raros espécimens brasileiros de ficção fantástica. Todo realismo contido nas descrições dos sertões e da vida dos tropeiros não inviabiliza a irrupção do onírico e do fantástico (pois também poderíamos acreditar que Manuel Alves *realmente* viu entidades sobrenaturais, embora isso não se confirme), os quais, por sua vez, não são subjugados pela explicação legendaria ou alegórica. Muito diferente, por exemplo, do realismo ulterior trabalhado durante o chamado ciclo do romance nordestino, por volta dos anos 30 do século XX, pelas obras de José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, entre outros, este sim, mais próximo da mimese e verossimilhança nos quais vem se alicerçando a literatura brasileira ao longo dos séculos.

Referência bibliográfica

ARINOS, Afonso. “Assombramento” (conto). In: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/5.pdf> (acesso em 05 de outubro de 2010).

TAVARES, Bráulio. 2003. Nas periferias do real ou o fantástico e seus arredores. In: —. *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, pp. 7-18.

TODOROV, Tzvetan. 2007. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva.